

INTEGRAÇÃO NO CURSO DE LICENCIATURA DA FEUSP: REGISTROS DE UMA EXPERIÊNCIA.

Belmira Oliveira BUENO (*)

INTRODUÇÃO: UM POUCO DE HISTÓRIA

No momento em que se reacendem no âmbito da Universidade as polêmicas em torno da reformulação das licenciaturas, desencadeadas sobretudo pelo documento LIUSP (Licenciatura Experimental Plena em Ciências: Biologia, Física, Química e Matemática - USP), pareceu-me oportuno publicar os registros de uma experiência de integração que coordenei em 1985, no âmbito da Faculdade de Educação.

Embora modesta e realizada à margem de procedimentos formais (razão pela qual não se tornou de amplo conhecimento público), essa experiência foi levada a cabo em um dos períodos de maior envolvimento e compromisso da Faculdade de Educação com a reestruturação dos cursos de Licenciatura. Resgatá-la neste momento tem, por isto, um significado que vai muito além da experiência em si e do que está contido no seu relato. Significa, sobretudo, reafirmar a história de efetiva participação e de esforços envidados pela FEUSP na reestruturação de seus cursos de formação de professores, ao longo da última década.

A este respeito, é importante lembrar que essa participação não ficou circunscrita ao âmbito da Universidade de São Paulo. Os esforços então empreendidos, sem dúvida mais con-

(*) Professora Doutora do Departamento de Metodologia do Ensino e Educ. Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

centrados aqui, foram na verdade o reflexo dos compromissos que a FEUSP assumiu desde o início da década, com o Movimento que desencadeou a nível nacional amplos debates sobre a reformulação dos cursos que preparam recursos humanos para a educação. De fato, tais compromissos se tornaram claramente explícitos desde 1981 e 1983, quando a FEUSP se fez representar nos seminários regional e nacional coordenados pelo MEC, apresentando documentos que traziam suas propostas de mudança e procuravam expressar o posicionamento político-pedagógico de seus professores e alunos frente à formação de professores ⁽¹⁾. Este engajamento se prolongou, ainda, nos anos seguintes, através da ativa participação de seus docentes em congressos de cunho nacional que sediaram debates sobre os cursos de Licenciatura - tais como os da SBPC e Anped.

Ao nível da Universidade de São Paulo e, especialmente da Faculdade de Educação, dois momentos se revestiram de especial importância nesse período. O primeiro deles foi o seminário *USP: A Formação de Professores*, realizado em setembro de 1984 por iniciativa da Faculdade de Educação, como parte das comemorações do cinquentenário da Universidade. E o segundo, os *Debates sobre Reforma Curricular dos Cursos de Pedagogia e Licenciatura*, que se desenvolveram de abril a junho de 1986.

O seminário de 1984 teve o mérito de reunir pela primeira vez professores e alunos desta casa e de outras Unidades da USP para, juntos, refletirem sobre os problemas da Licenciatura. Das discussões que afloraram durante o evento propriamente dito e dos trabalhos que se prolongaram por quase mais dois meses resultaram nove propostas que, no seu conjunto, tinham em vista desencadear um amplo processo de reformulação dos cursos e estratégias de formação de professores na Universidade de São Paulo ⁽²⁾. Dessas propostas, o *Seminário Itinerante*

(1) cf. Seminário Regional para a Reformulação dos Cursos que preparam Recursos Humanos para a Educação. *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo: v.9, n.1/2, p. 157-205, 1983.

(2) Para maiores detalhes, ver SEMINÁRIO "USP: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES". RELATÓRIO. FEUSP, 1984.

realizado no decorrer de 1985 foi, certamente, o produto que logrou maior alcance e significado, não só porque conseguiu levar sua execução até o final mas, sobretudo, pelo caráter instigante e desafiador das discussões que promoveu em várias Faculdades e Institutos da USP naquele ano ³⁾.

A *Experiência de Integração* apresentada nesta sessão foi também produto do seminário de 84. A idéia original era a de que fosse executada uma experiência-piloto de Licenciatura, integrando as disciplinas e professores da Faculdade de Educação com as disciplinas e professores de algumas outras Unidades. Porém, em face das dificuldades de operacionalização da proposta, uma vez que era necessário realizá-la à margem da estrutura vigente dos cursos, ao mesmo tempo em que esta deveria ser preservada, acabou-se por restringi-la a um projeto que, num primeiro momento, fosse executado apenas no âmbito da FEUSP.

A experiência, como poderá ser visto em sua descrição e avaliação, foi de alcance limitado quanto a poder levar adiante uma proposta de integração efetiva e sustentar uma reestruturação da Licenciatura, mesmo consideradas apenas no âmbito da Faculdade de Educação. Entretanto, os próprios limites e dificuldades que inviabilizaram a continuidade da experiência, favoreceram o aprofundamento das reflexões sobre o curso, tornando ainda mais claras a necessidade e urgência de se proceder, de fato, a uma mudança não só estrutural, mas sobretudo de concepção, dos cursos de formação de professores oferecidos pela Faculdade de Educação.

Essa tentativa foi levada a cabo no primeiro semestre de 1986, por ocasião dos *Debates sobre Reforma Curricular dos Cursos*

(3) Esse seminário teve por título: "Dependência econômica, desenvolvimento nacional e formação de professores". As palestras que o integraram foram reunidas e publicadas no livro *UNIVERSIDADE, ESCOLA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES*. São Paulo: Brasiliense, 1986, sob a organização de CATANI, D. B., MIRANDA, H. T., MENEZES, L. C., e FISHMANN, R.

de *Pedagogia e Licenciatura*. Os debates, organizados por uma comissão formada por professores e alunos, foram propostos de modo a contemplar as discussões sobre a reestruturação curricular destes cursos, tanto de modo integrado quanto em separado. Isto favoreceu e permitiu que um número considerável de propostas, vindas de alunos de diferentes áreas da Licenciatura e do curso de Pedagogia, bem como de diferentes grupos de professores, fossem apresentadas.

Ao final de um longo processo de elaboração e reelaboração, as propostas foram encaminhadas à Direção para serem aprovadas pelos órgãos competentes. Essa tramitação, no caso do curso de Licenciatura, levou nada menos do que um ano e meio para ser ultimada. Isto é, só veio a ocorrer em fins de 1988. O resultado, além do mais, acabou por ser uma proposta muito tímida, que expressava muito pouco daquilo que de fato foi proposto durante os debates. Foram propostas apenas duas mudanças: a substituição de uma das disciplinas de Psicologia por uma outra - *Introdução aos Problemas de Educação* - e a possibilidade de os alunos cursarem disciplinas optativas tanto na FEUSP, quanto em outros Institutos e Faculdades. Contudo, apesar da timidez, as mudanças não puderam se efetivar totalmente. Por razões de ordem burocrática as optativas não puderam ser implantadas!

Esta breve revisão histórica apenas apontou os principais marcos da trajetória da Faculdade de Educação em seus esforços para reestruturar seus cursos de formação de professores. Não pretendeu descer aos detalhes de todos os trabalhos que foram e ainda estão sendo realizados por diversas comissões, nem esgotar o exame de outras razões, que não as de ordem estrutural e burocrática, que também teriam contribuído para o malogro de tantas tentativas.

Nesta perspectiva, o relato que se segue explicita tão somente algumas dentre as muitas barreiras que nós, professores da Faculdade de Educação, temos encontrado para realizar as mudanças que, há pelo menos uma década, temos sentido como necessárias.

A EXPERIÊNCIA DE INTEGRAÇÃO

Essa experiência, levada a cabo no decorrer do primeiro semestre de 1985, pretendeu explorar possibilidades de integração entre alguns professores da Licenciatura da Faculdade de Educação, sem alterar a estrutura e funcionamento deste curso, assim como levantar elementos norteadores de uma possível reestruturação curricular.

Por essa razão, o grupo que inicialmente denominou-se "Piloto" passou depois a ser designado "de Integração", pois não se tratava de uma experiência que estivesse alterando substancialmente o curso. Era, na verdade, a introdução de uma nova dinâmica entre alguns professores, dentro dos limites da estrutura em vigor naquela época.

A partir da disponibilidade de um grupo de professores ⁽⁴⁾ foi definida a composição de turmas experimentais em Psicologia I e Didática formadas por alunos de Matemática, Física, Química, Biologia e Psicologia. O envolvimento de professores de Prática de Ensino dessas disciplinas definiu a composição das turmas pelas razões óbvias. E a aceitação dos alunos desses cursos, através de uma carta-convite distribuída a eles nos dias de matrícula, permitiu que fossem formadas duas turmas de Didática e três de Psicologia.

Quanto à disciplina Estrutura e Funcionamento da Escola de 1º e 2º Graus, nenhuma das turmas foi integrada à experiência porque só posteriormente à época das matrículas uma professora passou a fazer parte do grupo, quando já não era mais possível alterar a composição das mesmas.

(4) Participaram da experiência os seguintes professores: Anna Maria Pessoa de Carvalho (EDM), professora de Prática de Ensino de Física; Belmira A. B. Oliveira Bueno (EDM), professora de Didática; M. José Beraldi Andersen (EDF), professora de Psicologia; Moacyr Ribeiro do Vale Filho (EDM), professor de Prática de Ensino de Física; Nympha A. A. Sipavicius (EDM), professora de Didática; Sílvia Ignês D. Megda (EDF), professora de Psicologia; Sílvia L. F. Trivelato (EDM), professora de Prática de Ensino de Biologia; e Vany França (EDA), professora de Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus.

O trabalho iniciou-se através da exposição e discussão dos programas pelos professores de cada disciplina envolvida, tendo as seguintes preocupações básicas:

- 1^a)assegurar a complementaridade dos conteúdos;
- 2^a)estabelecer, na medida do possível, a relação destes conteúdos com a prática docente e com os problemas das escolas vivenciados pelos alunos nos estágios.

Essa tarefa prosseguiu através de reuniões semanais, nas quais eram relatadas e discutidas as atividades desenvolvidas pelos professores com cada turma. Através dessa dinâmica foi possível, ao final do semestre, chegar a algumas conclusões:

- 1^a)A discussão e o acerto entre os professores acerca dos conteúdos que podem ou devem ser trabalhados em cada disciplina não só é importante como necessário, na medida em que possibilita questionar os objetivos da Licenciatura, assim como o papel mediador destes conteúdos na formação docente. Além disto, ajuda a evitar a superposição dos mesmos ou o seu contrário - lacunas de temas jamais examinados pelo aluno no decorrer do curso;
- 2^a)Porém, uma integração que assegure ao aluno estabelecer de forma efetiva as relações entre teoria e prática, assim como envolver-se de forma mais comprometida com as tarefas de sua formação docente, não se dará se nós professores situarmos essa integração apenas ao nível dos conteúdos. A diversidade de abordagens e aprofundamentos que um mesmo tema possibilita, os cortes que cada professor efetua ao analisar a realidade da educação e do ensino são alguns fatores que, somados à falta de acompanhamento das atividades de estágio por parte das disciplinas ditas teóricas, impossibilitam uma integração efetiva, tornando arbitrária a seleção dos conteúdos, por mais acertos que se façam;
- 3^a)Nesta medida, sem uma profunda alteração da atual estrutura e funcionamento do curso de Licenciatura, não será possível empreender um trabalho contínuo de integração, mesmo se quisermos considerar apenas o que se passa na Faculdade de Educação.

Atentemos um pouco para o caminho percorrido pelo aluno quando vinha para cá. De acordo com a estrutura então vigente, ele *deveria* cursar no decorrer do primeiro ano *Psicologia I e Psicologia II*, pela ordem e, se quisesse, *Estrutura e Funcionamento da Escola de 1º e 2º graus* que, por não ter e nem ser pré-requisito de nenhuma outra disciplina poderia ser cursada em qualquer momento do curso. Somente no segundo ano é que esse aluno *poderia* se matricular em Didática (no 1º ou no 2º semestre) e nas Práticas de Ensino I e II, estas também pela ordem.

Na realidade isso não acontecia, pois os pré-requisitos vinham sendo a cada ano menos respeitados. O resultado era óbvio: os percursos tendiam a ser cada vez mais diversificados, levando os alunos a comporem turmas extremamente heterogêneas. Este fato chegava a comprometer a programação dos professores cujas disciplinas eram de dois semestres, pois impossibilitava qualquer tentativa de acompanhamento dessas turmas.

Na experiência realizada, estes fatos ficaram muito evidentes. Em Psicologia, como se tratava de uma disciplina da ponta inicial, o que ocorreu foi, principalmente, a impossibilidade por parte dos alunos (ao menos durante o curso) em estabelecer relações entre os conteúdos que estavam sendo aí estudados e aqueles das demais disciplinas, mais pertinentes à prática docente, de vez que estas e os estágios só viriam no segundo ano. É verdade que a cada momento em que problemas desta ordem surgiam, os alunos eram informados de que tais questões seriam mais adiante abordadas. Porém, como descrevemos atrás, dentro daquela estrutura tal promessa ficava difícil de ser cumprida, até mesmo dentro do trabalho proposto pelo "Grupo de Integração". Senão vejamos.

As turmas de Didática, aparentemente homogêneas (uma delas era formada apenas por alunos de Física e Biologia), configuravam, na realidade, uma significativa heterogeneidade, devido não só aos diferentes percursos dos alunos, mas também à diferença de conteúdos estudados numa mesma disciplina.

Esta diversidade tornou difícil identificar quais eram as bases comuns desses alunos a respeito de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. Quanto aos conteúdos vistos pelo aluno em *Estrutura*, além de problemas semelhantes, somava-se a agravante de 50% não ter cursado essa disciplina. E em relação às Práticas de Ensino, a diversidade era ainda maior: 60% estavam cursando Prática I (com diferentes professores); desse total, alguns poucos já haviam feito Prática II; e entre os 40% restantes, apenas um aluno já havia concluído as Práticas e os estágios. Os outros, evidentemente, só iriam fazê-la a partir do ano seguinte.

Esta situação trouxe muita dificuldade quanto à reelaboração do programa de Didática. A avaliação que foi feita ao final do curso com os alunos revelou claramente que a importância ou não atribuída por eles aos conteúdos, assim como se foram abordados de forma satisfatória, estava relacionada ao seu currículo anterior. Desta forma, não conseguimos obter um consenso sobre a receptividade do programa, ainda que reelaborado e continuamente avaliado por eles. Apesar dos cuidados tomados quanto à seleção dos textos de autores já estudados anteriormente, de maneira que neste curso fossem identificadas sobretudo as implicações metodológicas para o ensino, ainda assim houve alunos que julgaram ter visto a mesma coisa duas vezes (ou mais!). Neste ponto e quanto às limitações do programa é necessário lembrar que, em vista de apenas dois professores de Didática terem participado desta experiência, acabou-se por decidir que o programa oficial seria ajustando, tanto quanto possível, ao trabalho de integração, porém preservando a sua proposta básica - Estudo de modelos de ensino.

A despeito das dificuldades mencionadas, este trabalho de integração rendeu, além das reflexões elaboradas pelo grupo de professores, alguns projetos comuns desenvolvidos pelos alunos que cursaram simultaneamente Didática e Prática de Ensino, cuja execução prática foi realizada através dos estágios em escolas públicas de 2º grau ou com alunos da Escola de Aplicação da FEUSP.

A avaliação final que os alunos fizeram a respeito da experiência apontou favoravelmente para a composição pouco diversificada das turmas (com a ressalva de que não deveria ser sempre a mesma), mas negativamente para o caráter acen-tuadamente teórico das disciplinas. Um aumento de carga horária, por exemplo, só teria receptividade, segundo eles, se fosse para privilegiar uma formação mais prática.

As dificuldades aqui arroladas quanto às tentativas de levar a cabo um trabalho de integração dentro da estrutura e funcionamento do curso de Licenciatura vigentes naquela época, certamente respondem porque a experiência não teve continuidade. O retorno dos alunos de Psicologia, que deveriam continuar nos mesmo horários, com as mesmas professoras, no segundo semestre, para cursar Psicologia II, foi baixo (30% em duas turmas e 60% em uma), apesar do empenho dessas profes-soras em envolvê-los com a proposta de continuidade do traba-lho. É importante frisar que a avaliação dos alunos dessa disci-plina foi significativamente positiva quanto a vários aspectos do curso: relação professor/aluno, estratégias e textos utiliza-dos e avaliação, apontando apenas para o tempo - curto demais para a extensão dos conteúdos - e para a pouca relação com as escolas de 1º e 2º graus, como aspectos que deixaram a desejar.

Para o "Grupo de Integração" era evidente que estas ques-tões mereciam uma discussão mais ampla envolvendo não só os docentes, mas também os alunos da Licenciatura, para que um projeto de reestruturação deste curso não corresse o risco de se situar apenas nos limites de uma nova grade curricular. Foi sugerido, então, um roteiro de questões para ser incluído na pauta dos *Debates sobre a Reestruturação dos Cursos de Pedagogia e Licenciatura*, que logo mais viriam a acontecer. O roteiro, tal como proposto na época, foi o seguinte:

1. Que professor queremos formar?
2. Pode-se pensar em reestruturação a curto, a médio ou apenas a longo prazo?

3. Como oferecer um curso que não seja apenas um rol de disciplinas estanques, mas sim, um projeto de formação docente, no qual estejam empenhados e comprometidos professores e alunos?
4. Qual seria a estrutura e o funcionamento desse curso?
 - Quanto tempo duraria?
 - Quais seriam as disciplinas básicas?
 - Haveria optativas?
 - Que critérios norteariam a seleção dos conteúdos?
 - Como tratar as questões da seqüência das disciplinas e da heterogeneidade das turmas?
 - Qual o papel reservado aos estágios na perspectiva de um novo curso?

(Recebido para publicação em 7/11/90 e liberado em 27/11/90)